

CONTEMPORÂNEO, SEMPRE

COLEÇÃO
SANTANDER
BRASIL

Ministério da Cidadania e Santander
apresentam



Patrocínio



Organização
Geral



Realização

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DA
CIDADANIA





CONTEMPORÂNEO, SEMPRE

CONTEMPORARY, ALWAYS
THE SANTANDER BRASIL COLLECTION

**COLEÇÃO
SANTANDER
BRASIL**

CURADORIA
Agnaldo Farias
Ricardo Ribenboim

Farol Santander São Paulo
de 27/08/2019 a 05/01/2020

Farol Santander Porto Alegre
2020

O Farol Santander recebe as obras da Coleção Santander Brasil, com a exposição *Contemporâneo, Sempre*. O Farol, um local tão icônico, onde passado, presente e futuro convivem, oferece mais uma vez à cidade de São Paulo, e a todos os seus visitantes, uma opção de cultura, diversão e entretenimento.

Iniciamos uma desafiadora etapa no projeto de compartilhar nosso acervo. Esta mostra foi cuidadosamente pensada, fruto de recentes reflexões curatoriais, para trazer a todos novas possibilidades de leitura e compreensão. As obras escolhidas são um recorte extemporâneo, em que a arte ultrapassa as definições do tempo e se renova a cada olhar. Esperamos que, revisitando nossas obras, possa lhes oferecer a mesma satisfação que sentimos ao organizar esta exposição.

A Coleção Santander Brasil é formada por dois núcleos – artes visuais e memória institucional –, provenientes das diversas instituições bancárias que foram incorporadas ao Santander, desde o início da década de 1980.

O núcleo de artes visuais abriga muitos dos principais nomes das artes plásticas do país e contempla vários movimentos artísticos marcantes da história da arte, formando um amplo painel da produção e diversidade cultural brasileira.

Um traço característico do processo de formação da coleção é que, ao longo do tempo, foram adquiridas obras recém-produzidas, ou seja, que refletiam a arte do momento da aquisição, fomentando assim o trabalho dos artistas em atividade. A presença de alguns artistas de fases anteriores reflete outra faceta interessante da formação do acervo: a atenção voltada também para as movimentações e tendências do mercado de arte no país, que, por vezes, valoriza e resgata movimentos e artistas de outras épocas. Essa abordagem faz da coleção Santander Brasil um conjunto sempre contemporâneo, ontem ou hoje.

A coleção vem sendo ampliada nos últimos anos, por meio da aquisição de obras de arte contemporânea brasileira, majoritariamente fotografia, com trabalhos de nomes celebrados e/ou emergentes. Paralelamente, há um esforço de difusão – muitas dessas obras já participaram de exposições nas principais instituições museológicas do país.

Acreditamos que uma obra de arte se renova a cada (manter o novo aqui) olhar e certamente esse encontro trará novas possibilidades de leitura, estudo e, com certeza, novas ideias.

Boa leitura!

Patricia Audi
Vice-presidente de Comunicação, Marketing,
Relações Institucionais e Sustentabilidade





sumário [summary]

09	Contemporâneo, Sempre
15	paisagem
45	retrato
69	abstração
93	english version



CONTEMPORÂNEO, SEMPRE

COLEÇÃO SANTANDER BRASIL

Aginaldo Farias

Contemporâneo, Sempre. Coleção Santander Brasil faz um panorama sintético de 70 anos de arte brasileira, apresentando um conjunto significativo de pinturas, esculturas, desenhos e gravuras pertencentes à coleção de 2.010 obras da instituição. Possui exemplares de alguns importantes artistas modernistas, um corpo considerável de estrangeiros, com ênfase aos de ascendência japonesa, e inclui artistas que acabaram de entrar na faixa dos 30 anos. Com algumas exceções, as obras dessa exposição foram adquiridas no momento em que foram produzidas, um modo de relacionamento com a produção artística que a instituição procura manter. As obras dos jovens artistas que estão aqui reunidas reiteram o compromisso do Santander com a experimentação. Mais do que se empenhar na difusão da arte, o que já não seria pouco, a relação do banco distinguiu-se pelo apoio à produção, pela cumplicidade com os artistas em suas incursões por territórios ainda não percorridos.

O melhor da arte acontece quando ela aperfeiçoa o modelo que usa – no caso de vários artistas aqui presentes, modelos criados por eles próprios –, ou quando rompe de uma vez com ele, quebrando os parâmetros estabelecidos, provocando surpresa e, não raro, indignação. É isso que a arte, diga-se de passagem, oferece de modo mais puro, uma vez que, diferente das outras produções, não está premida por

injunções práticas. De qualquer forma, reconheça-se que o ímpeto pela novidade acontece em todos os setores da cultura, como é também o caso da ciência, que volta e meia empreende mudanças radicais.

Contemporâneo, Sempre, além de frisar o compromisso do Santander com a produção artística brasileira, organiza um significativo panorama de suas obras nos últimos 70 anos, o que, convenhamos, poucas coleções conseguem oferecer. A quantidade e a qualidade do material à disposição, com destaque para os anos 1950, 1960 e 1970, possibilitaria diversas composições. Optou-se pela construção de alguns núcleos que, sem frustrar o público mais afeito à arte, facilitem a recepção por parte daqueles que, embora sem formação, estejam interessados em uma introdução nesse campo – perceber suas questões centrais, suas principais vertentes, seus pontos de atenção.

A mostra foi estruturada a partir de três núcleos gerais, cada qual com algumas de suas variações internas mais importantes. São eles: Paisagem, Retrato e Abstração.

Tirando partido da variedade de linguagens e suportes existentes na coleção, preferiu-se, em lugar de organizar o material segundo ordem cronológica, mais conservadora, reuni-lo a partir de aproximações temáticas. Pretendeu-se, com isso, evitar a compreensão da história da arte como uma narrativa linear. Como ocorre no campo da cultura em geral, a história da arte é atravessada por processos intrincados, cheios de idas e vindas, com eventuais evocações de trabalhos muito anteriores. Não foi assim com Carlos Drummond de Andrade, cujo maravilhoso poema “A máquina do mundo” deita raízes no “Canto X” dos *Lusíadas*, de Camões? Nada impede que um artista jovem, trabalhando neste momento em seu atelier na Barra Funda, esteja mais interessado na produção de Caravaggio, de uma pintura rupestre ou de alguma outra manifestação ancestral, e fazendo uso dessas referências em seu próprio trabalho, do que na produção do seu vizinho de atelier ou numa coletiva de arte atual em curso no MASP ou na Pinacoteca do Estado. Contemporâneo, convém salientar, não é necessariamente aquilo que está sendo produzido agora, mas aquilo que, mesmo pertencendo a um passado longínquo, evoca-se na qualidade de algo vivo, que nos ajuda a compreender os tempos atuais.

Um outro aspecto a ser salientado é que, no interior da exposição, as obras estão agrupadas independentemente das técnicas com que foram realizadas, não

importando se são pinturas, desenhos, gravuras ou fotografias. As abordagens mais clássicas insistem nessa divisão, mas no nosso caso a escolha foi por fazê-las conviver umas com as outras, o que, por contraste, serve para sublinhar as particularidades de cada linguagem no trato de questões semelhantes.

O ponto de partida da mostra retoma o debate entre artistas figurativos e artista abstratos, aqueles alinhados com a ideia de que o papel da arte seria a representação do visível, em oposição aos que defendiam a autonomia da arte, sua força como produto de linguagem, misterioso e fascinante, mesmo que sem outra conexão com a realidade que não as cores, a massa pictórica e os gestos demandados em sua consecução.

Embora hoje essa seja uma polarização superada, na passagem dos anos 1940 para a década seguinte o tema gerou muita controvérsia, com as duas facções enfrentando-se continuamente. Di Cavalcanti, um dos líderes da corrente figurativa (assim como foi Candido Portinari), presente na nossa mostra com a pintura *Mulata na cadeira*, 1970, escreveu em tom categórico:

Há no Brasil de hoje dois caminhos a seguir pelos pintores. Um é o caminho estreito da pintura formalista, preciosa [...], o decorativismo abstracionista [...]. O outro é o da pintura a serviço da vida [...], participando da construção cotidiana de nosso futuro de nação livre.¹

Os trabalhos escolhidos confirmam a postura dos dois artistas, preocupados com a representação da paisagem e de figuras humanas tipicamente brasileiras.

A abstração geométrica, mais conhecida como “concretismo”, entrou em definitivo na cena artística brasileira em 1952, com a publicação em São Paulo do Manifesto Ruptura, no qual se ataca, na condição de superado, “o naturalismo científico da Renascença – o método para representar o mundo exterior (três dimensões) sobre um plano (duas dimensões) – [que] esgotou a sua tarefa histórica”. Obras de artistas que representam esse movimento, embora não tenham subscrito o manifesto, estão presentes na mostra – uma rara pintura de Alfredo Volpi (*Composição em ocre, vermelho e terra*, déc. 1960), uma gravura de Arthur Luiz Piza (*Fenêtre*, 1972), uma litografia de Amilcar de Castro (*Sem título*, 1991) e outra de Hércules Barsotti (*Sem título*, 1955), estas duas representativas da concisão e do laconismo perseguidos por essa vertente.

1. Cf. AMARAL, Aracy. *Arte para que? A preocupação social na arte brasileira 1930-1970*. São Paulo: Studio Nobel, 2003.

A coleção é pródiga em apontar o leque de opções percorridas pelos artistas do período, pois ao lado do concretismo, e igualmente criticado por ele, alinhavam-se artistas como Manabu Mabe e Iberê Camargo, cujas pinturas *Voz da selva*, 1969, e *Equilíbrio*, 1967, afastavam-se da geometria, para encampar o expressionismo ou, vale dizer, favorecer a gestualidade e a tensão cromática. Contempla ainda o lirismo de Tomie Ohtake, em *Sem título*, 1978, e Arcângelo Ianelli, em *Formas rompidas*, 1977 – com pinturas despojadas, Tomie privilegia transparências sutis e uma leve tensão entre as formas, enquanto Iberê destaca-se pela sobreposição de planos.

Os retratos merecem uma menção à parte. A doce figura feminina de Milton Dacosta (*Figura*, 1948), realizada em cores suaves e linhas geométricas, contrasta fortemente com *Cabeças*, 1995, de Siron Franco. Enquanto naquela tem-se uma imagem nítida, na qual cada detalhe corresponde a uma cor, nesta a opção pende para uma solução gráfica, uma profusão de cabeças sugeridas a partir de contornos coloridos, um desenho complexo, emaranhado, até porque o artista junta números e letras aos ícones números e letras.

Deslocando-se dos retratos que se abrem num conjunto que vai da intimidade do perfil feminino estampado na gravura de autoria de Ubirajara Ribeiro (*Sem título*, 1983), ao exuberante painel de Carybé (*Fauna, flora e nativos brasileiros*, 1953), no qual o artista idealiza o cotidiano de uma aldeia indígena, da caça ao banho no rio, chega-se às paisagens rurais, às marinhas, aos casarios periféricos, e até mesmo às vistas complexas das metrópoles. Pertence a Francisco Rebolo a delicada visão de um pequeno grupo de casas espalhadas pelas colinas, tendo à frente um campo cultivado (*Paisagem*, 1978), em que chamam a atenção as variações tonais do verde e a gama de azuis, o amarelo esbatido e os tons terra das casas e seus telhados. José Pancetti, o mestre marinho, traz-nos sua representação de uma praia desabitada (*Coqueiros de Itapuã*, 1956), uma resposta à canção com que Dorival Caymmi eternizaria aquele recanto da capital baiana, sob a forma do horizonte verde do mar encimado por farrapos de nuvens brancas, interrompidos por dois coqueiros dispostos num intervalo musical. É interessante comparar Pancetti com a marinha de Tadashi Kaminagai (*Paysage d'Amazonas*, 1976), e notar que a placidez cede espaço a uma paleta cromática acesa, céu e mar incendiados por azuis, amarelos, vermelhos e verdes.

Darel Valença Lins, grande desenhista e gravador, é o responsável por uma apresentação perturbadora da cidade. Em *Sem título*, 1968, uma teia de linhas traduz o

imenso organismo onde a cada dia mais e mais pessoas se enredam. Essa peça serve de introdução ao grande número de gravuras, como as de Livio Abramo, Fayga Ostrower, Renina Katz, Maria Bonomi, Gilvan Samico e Maciej Babinski, uma linguagem em que o Brasil atingiu um patamar superlativo, cujo foco oscila entre texturas resultantes de gestos ritmados, a criação de atmosferas crispadas, algumas nebulosas, outras parecendo raspadas, além de cenas fantásticas.

Todas as fotografias, dispersas entre os núcleos em consonância com o tema que abordam, são de autoria de artistas em plena produção. Nelas se destaca a tradição documental ainda muito forte entre eles.

Um momento forte entre os jovens é a pintura de Paulo Almeida, que compõe a *Série Palimpsestos – Tela 1*, realizada no Centro de Exposições Santander – Torre, 2005–2012. Convidado, em 2005, a participar de uma coletiva organizada nesse lugar, Paulo, definindo a localização de seu trabalho, pendurou sua tela ainda em branco, para nela pintar, durante o final da montagem e início da exposição, o espaço ao redor, o que significava representar as paredes com as outras telas e obras vizinhas. A pintura não terminará nunca, pois sempre que for exposta exigirá, segundo determinação do artista, a sobreposição, ainda que transparente, do novo espaço. Será uma imagem cambiante, um processo contínuo, tanto quanto o conjunto de obras que compõem esta *Contemporâneo, Sempre*, cuja qualidade garante que as sucessivas leituras variem no tempo, de acordo com o público que entrar em contato com elas.

PAISAGEM

A paisagem é um tema constante. E poderia ser diferente, uma vez que, para onde quer que olhemos, é no meio dela que estamos? A paisagem, tal como nos é apresentada nessa sequência de pinturas, pode ser natural, imensa e desmedida, como a praia e o mar que nela vem morrer, ou artificial, claustrofóbica, como o interior das cidades, com as casas esparramadas, os prédios altos, o labirinto das ruas. A paisagem é o meio em que vivemos e no qual morreremos. Tentar compreendê-la equivale a saber qual o papel que nós, pequenos em tamanho e duração, jogamos na ordem das coisas. Significa também perceber a importância que damos a nossas casas, redutos da calma e proteção, a impedir que nos dissolvamos na vastidão do espaço.



CANDIDO PORTINARI

[Brodowski, SP, 1903 – Rio de Janeiro, RJ, 1962]

Cavalo, casebre e paisagem 1959
[Horse, Shack and Landscape]

nanquim aguada e bico de pena sobre papel
[ink wash and pen and ink on paper]

32,0 x 19,0 cm



YOSHIYA TAKAOKA

(Tóquio, Japão [Tokyo, Japan], 1909 – São Paulo, SP, 1978)

Rua dos Sapateiros [Shoemakers Street]	1966	óleo sobre tela [oil on canvas]	49 x 60,5 cm
---	------	------------------------------------	--------------



ALBERTO DA VEIGA GUIGNARD

(Nova Friburgo, RJ, 1896 – Belo Horizonte, MG, 1962)

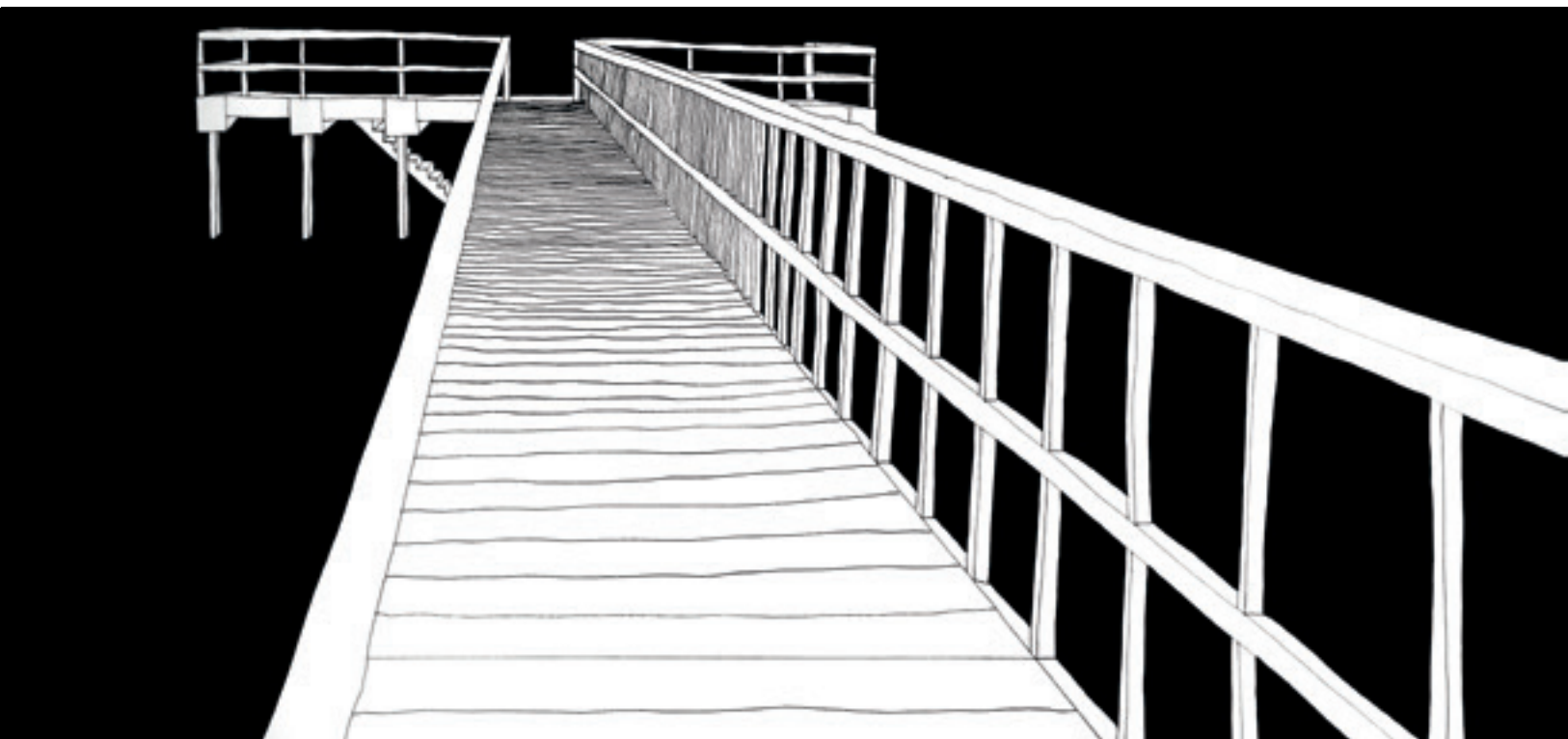
Diamantina	s.d.	nanquim sobre papel	32,0 x 54,0 cm
	[undated]	[India ink on paper]	



EVANDRO CARLOS JARDIM

(São Paulo, SP, 1935)

Sem título	s.d.	gravura em metal sobre papel	26,0 x 27,5 cm
[Untitled]	[undated]	[metal engraving]	



LAURA GORSKI

[São Paulo, SP, 1982]

Sem título – Série "Paisagens construídas" 2011
[Untitled – "Constructed Landscapes" series]

adesivo vinílico sobre parede
[adhesive vinyl on wall]

As dimensões variam de acordo com a montagem da exposição
[Dimensions vary according to exhibition setup]



KLAUS MITTELDORF

[São Paulo, SP, 1953]

O Centro	2008	fotografia p&b impressa sobre papel	24,0 x 24,0 cm
[Downtown]		[b&w photograph printed on paper]	



CRISTIANO MASCARO

[Catanduva, SP, 1944]

Brejo Santo, Ceará 2008 fotografia p&b impressa sobre papel 60,0 x 90,0 cm
[b&w photograph printed on paper]

**ARAQUÉM ALCÂNTARA**

(Florianópolis, SC, 1951)

São Vicente 2010 fotografia 60,0 x 90,0 cm
[photograph]



CÁSSIO VASCONCELLOS

[São Paulo, SP, 1965]

Rio de Janeiro 1 2010 fotografia p&b impressa sobre papel 18,6 x 56,0 cm
[b&w photograph printed on paper]

**LUIZ BRAGA**

(Belém, PA, 1956)

Circo [Circus] 2008 pigmento sobre papel fotográfico de algodão 70,0 x 105,0 cm
[pigment on cotton photographic paper]

CLAUDIA ANDUJAR

(Neuchâtel, Suíça, 1931)

Conselho de homens Xicrin-Kayapo, Estado do Pará, Amazônia
[Council of Xicrin-Kayapo men, state of Pará]

1966

gelatina de prata sobre papel
[silver-gelatin print]

150,0 x 225,0 cm





CARLOS BRACHER

[Juiz de Fora, MG, 1940]

Árvores e casas de fazenda 1980 óleo sobre tela 54,0 x 74,0 cm
[Trees and Farmhouses] [oil on canvas]



CARLOS SCLiar

[Santa Maria, RS, 1920 – Rio de Janeiro, RJ, 2001]

Paisagem	1969	óleo sobre compensado	54,0 x 74,0 cm
[Landscape]		[oil on plywood]	



ALDO BONADEI

(São Paulo, SP, 1906 – 1974)

Casario	1968	óleo sobre tela	77,0 x 56,0 cm
[House Row]		[oil on canvas]	



TADASHI KAMINAGAI

(Hiroshima, Japão [Japan], 1899 – Paris, França [France], 1982)

Paysage d'Amazonas	1976	óleo sobre tela	49,3 x 59,0 cm
[Amazon Landscape]		[oil on canvas]	



FRANCISCO REBOLO GONSALES

[São Paulo, SP, 1902 – 1980]

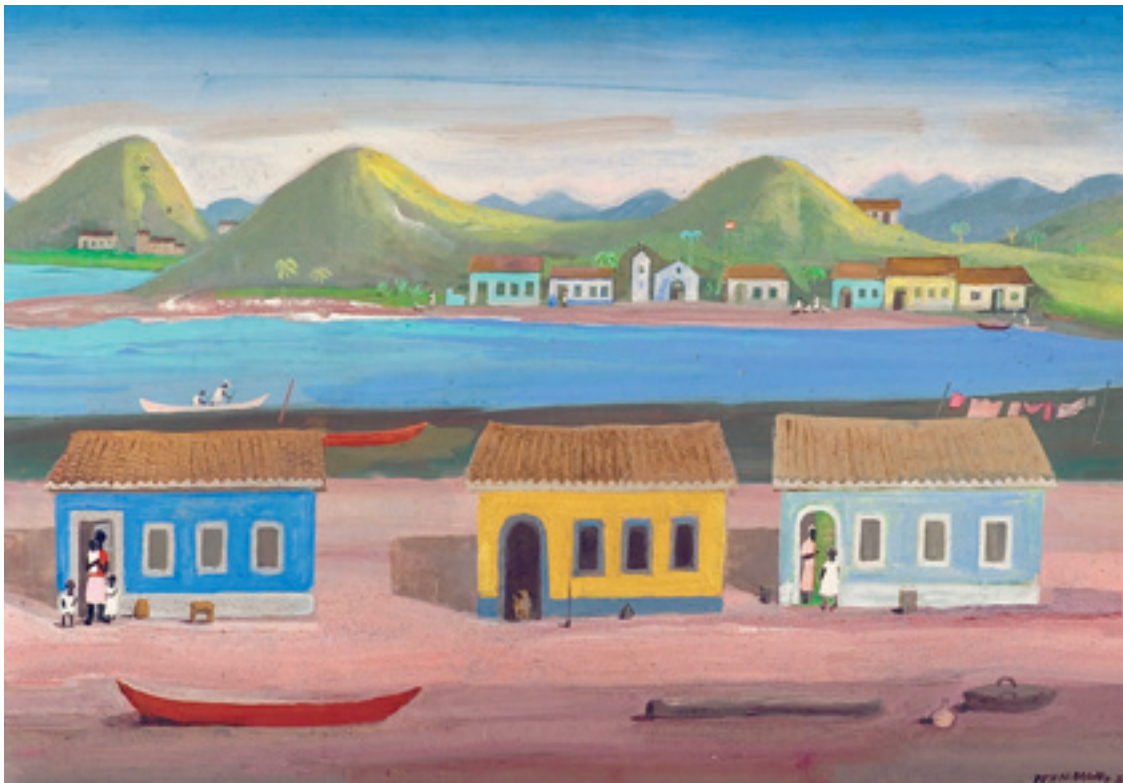
Paisagem 1978 óleo sobre tela 33,5 x 44,7 cm
[Landscape] [oil on canvas]



JOSÉ PANCETTI

[Campinas, SP, 1904 – Rio de Janeiro, RJ, 1958]

Coqueiros de Itapuã 1956 óleo sobre tela 45,4 x 64,4 cm
[Coconut Trees in Itapuã] [oil on canvas]



FULVIO PENNACCHI

(Castelnuovo di Garfagnana, Itália [Italy], 1905 – São Paulo, SP, 1992)

Três casas na enseada
[Three Houses on the Cove]

1980

têmpera sobre chapa de madeira aglomerada
[tempera on plywood]

43,0 x 62,0 cm



ANTONIO HENRIQUE AMARAL

(São Paulo, SP, 1935 – 2015)

Stone & Window 1991 óleo sobre tela 130,3 x 130,5 cm
[oil on canvas]



FLAVIO-SHIRÓ

(Sapporo, Japão [Japan], 1928)

Composição com violino
[Composition with Violin]

1950

óleo sobre tela
[oil on canvas]

65,3 x 54,3 cm



FLÁVIA METZLER

[Rio de Janeiro, RJ, 1974]

Lackkabinett 2010 óleo sobre madeira 50,0 x 60,0 cm
[oil on wood]

PAULO ALMEIDA

[São Paulo, SP, 1977]

Série "Palimpsestos" – Tela 1, realizada no Centro de Exposições Santander – Torre	2005–2019	acrílica sobre tela	210,0 x 160,0 cm
["Palimpsest" series – Canvas 1, executed at the Santander Exhibition Center]		[acrylic on canvas]	





DAREL

[Palmares, PE, 1924 – Rio de Janeiro, RJ, 2017]

Sem título	1968	gravura em metal sobre papel	47,5 x 65,0 cm
[Untitled]		[metal engraving]	

**ANTÔNIO MALUF**

(São Paulo, SP, 1926 - 2005)

Desenho	1961	nanquim sobre papel	29,1 x 17,8 cm
[Drawing]		[India ink on paper]	



ANNA LETYCIA

[Teresópolis, RJ, 1929 – Rio de Janeiro, RJ, 2018]

Caracol	1968	gravura em metal e relevo seco sobre papel	51,5 x 58,0 cm
[Snail]		[metal engraving and embossing on paper]	



LÍVIO ABRAMO

(Araraquara, SP, 1903 – Assunção, Paraguai, 1992)

Paraguay – Planos	1984	litografia sobre papel	59,8 x 43,0 cm
[Paraguay – Planes]		[lithography on paper]	

R E T R A T O S

Se há hoje hábito generalizado de tirar selfies, é preciso que se saiba que ele vem de longe. As pessoas sempre se interessaram por fazer retratos, de si e dos outros. Nada mais natural: o outro é sempre fascinante. Pintá-lo, desenhá-lo, esculpi-lo é uma forma de trazê-lo para perto de si, conservá-lo. Mas qual será o melhor modo de representar alguém? Como nos ensina essa seleção de obras, não há uma forma melhor. Um retrato nítido como uma fotografia não é mais interessante que um retrato psicológico e deformado. Um agrupamento de pessoas trabalhando não é menos importante que alguém passeando solitariamente. Infinitas as situações em que nos colocamos, infinitas as maneiras de representá-las.



MILTON DACOSTA

[Niterói, RJ, 1915 – Rio de Janeiro, RJ, 1988]

Figura	1948	óleo sobre tela	90,7 x 71,8 cm
[Figure]		[oil on canvas]	

**CLÓVIS GRACIANO**

[Araras, SP, 1907 – São Paulo, SP, 1988]

Músicos	1969	óleo sobre tela	72,2 x 48,9 cm
[Musicians]		[oil on canvas]	



ISMAEL NERY

[Belém, PA, 1900 – Rio de Janeiro, RJ, 1934]

Enfermeiro e paciente	primeira metade do século XX	aquarela sobre papel	22,0 x 15,0 cm
[Nurse and Patient]	[first half of the twentieth century]	[watercolor on paper]	



EMILIANO DI CAVALCANTI

(Rio de Janeiro, RJ, 1897 – 1976)

Mulata na cadeira	1970	óleo sobre tela	91,0 x 63,0 cm
[Mulatto Woman in Chair]		[oil on canvas]	



MARCELO GRASSMANN

[São Simão, SP, 1925 – São Paulo, SP, 2013]

Sem título	s.d.	gravura em metal sobre papel	53,5 x 39,5 cm
[Untitled]	[undated]	[metal engraving]	



GILVAN SAMICO

[Recife, PE, 1928 – 2013]

O Enigma 1989
[The Enigma]

xilogravura sobre papel 92,5 x 53,3 cm
[woodcut on paper]



VICTOR BRECHERET

[São Paulo, SP, 1894 – 1955]

Tocadora de guitarra	1923	bronze fundido	77,0 x 30,0 x 25,0 cm
[Guitar Player]		[cast bronze]	



BRUNO GIORGI

(Mococa, SP, 1905 – Rio de Janeiro, RJ, 1993)

Orfeu	1988	bronze fundido	25,4 x 9,5 x 7,5 cm
[Orpheus]		[cast bronze]	



FRANCISCO STOCKINGER

[Traun, Áustria [Austria], 1919 – Porto Alegre, RS, 2009]

Mulher guerreira [Woman Warrior]	s.d. [undated]	bronze	38,0 x 8,0 x 6,0 cm
Guerreiro [Warrior]	1975	Ferro e madeira [iron and wood]	230,0 x 30,0 x 19,0 cm





FERNANDA RAPPA

(Jundiaí, SP, 1981)

Sem título	2009	impressão fotográfica sobre papel de algodão	66,0 x 100,0 cm
[Untitled]		[photographic print on cotton paper]	



MACIEJ BABINSKI

(Varsóvia, Polónia [Warsaw, Poland], 1931)

Sem título [untitled]	1952	gravura em metal sobre papel [metal engraving]	26,0 x 31,5 cm
--------------------------	------	---	----------------



UBIRAJARA RIBEIRO

[São Paulo, SP, 1930 – 2002]

Sem título	1983	litografia sobre papel	70,0 x 50,0 cm
[Untitled]		[lithography on paper]	



SIRON FRANCO

(Goiás, GO, 1947)

Cabeças	1995	acrílica sobre tela	80,5 x 90,5 x 3,5 cm
[Heads]		[acrylic on canvas]	



CLÁUDIA JAGUARIBE

(Rio de Janeiro, RJ, 1955)

Rodando a baiana Rio de Janeiro
[Bahia Women Dancing]

2000

fotografia colorida impressa sobre papel
[color photograph printed on paper]

50,0 x 40,0 cm



WALTER FIRMO

[Rio de Janeiro, RJ, 1937]

Caipirismo barroco
[Baroque Country-Style]

1997

fotografia colorida impressa sobre papel
[color photograph printed on paper]

37,0 x 55,5 cm



LUIZ PAULO BARAVELLI

(São Paulo, SP, 1942)

Projeto para uma casa submersa
[Design for an Underwater House]

2006

acrílica e encáustica sobre placa de MDF
[acrylic and encaustic on MDF board]

90,5 x 185,5 cm



JOHN GRAZ

[Genebra, Suíça [Geneva, Switzerland], 1891 – São Paulo, SP, 1980]

Canoeiros	1975	óleo sobre tela	69,6 x 99,0 cm
[Canoeers]		[oil on canvas]	



CÍCERO DIAS

[Escada, PE, 1907 – Paris, França [France], 2003]

Baile no campo 1937 óleo sobre tela 54,4 x 64,2 cm
[A Dance in the Fields] [oil on canvas]



CARYBÉ

[Buenos Aires, Argentina, 1911 – Salvador, BA, 1997]

Fauna, flora e nativos brasileiros
[Brazilian Natives, Flora and Fauna]

1953

óleo sobre madeira
[oil on wood]

181,3 x 151,2 cm



GLAUCO RODRIGUES

[Bagé, RS, 1929 - Rio de Janeiro, RJ, 2004]

Mate amargo	1976	serigrafia	48,0 x 66,0 x 1,0 cm
[Bitter mate]		[silkscreen]	



ZORAVIA BETTIOL

[Porto Alegre, RS, 1935]

Hera	1976	Xilogravura sobre papel [woodcut on paper]	97,6 x 66,4 cm
------	------	---	----------------

A B S T R A Ç Ã O

Uma pintura não é nada além de algo feito de tintas coloridas, aplicadas em uma superfície por pincéis ou por um instrumento qualquer. Sendo assim, ela precisa trazer uma imagem? Segundo os artistas abstratos, nossas atitudes expressam nossos desejos, opiniões, estados de espírito. Olhe para essas telas e note como elas foram feitas a partir de gestos distintos: calmos, nervosos ou precisos, guiados pela razão. Agora, concentre-se nas cores. Imagine que todas elas se cansaram de ser predicados das coisas – o vermelho da maçã, o amarelo do sol, ... –, note como, sob os cuidados dos artistas, elas se convertem em territórios infinitos. Contemple, por fim, as formas estranhas, nunca vistas, a fertilidade da imaginação.



EMANOEL ARAÚJO

[Santo Amaro, BA, 1940]

Sem título	Antílope – Série "África"	déc. 1990	madeira pintada	115,0 x 150,0 x 75,0 cm
[Untitled]	[Antelope – "Africa" series]	[1990s]	[painted wood]	



HÉRCULES BARSOTTI

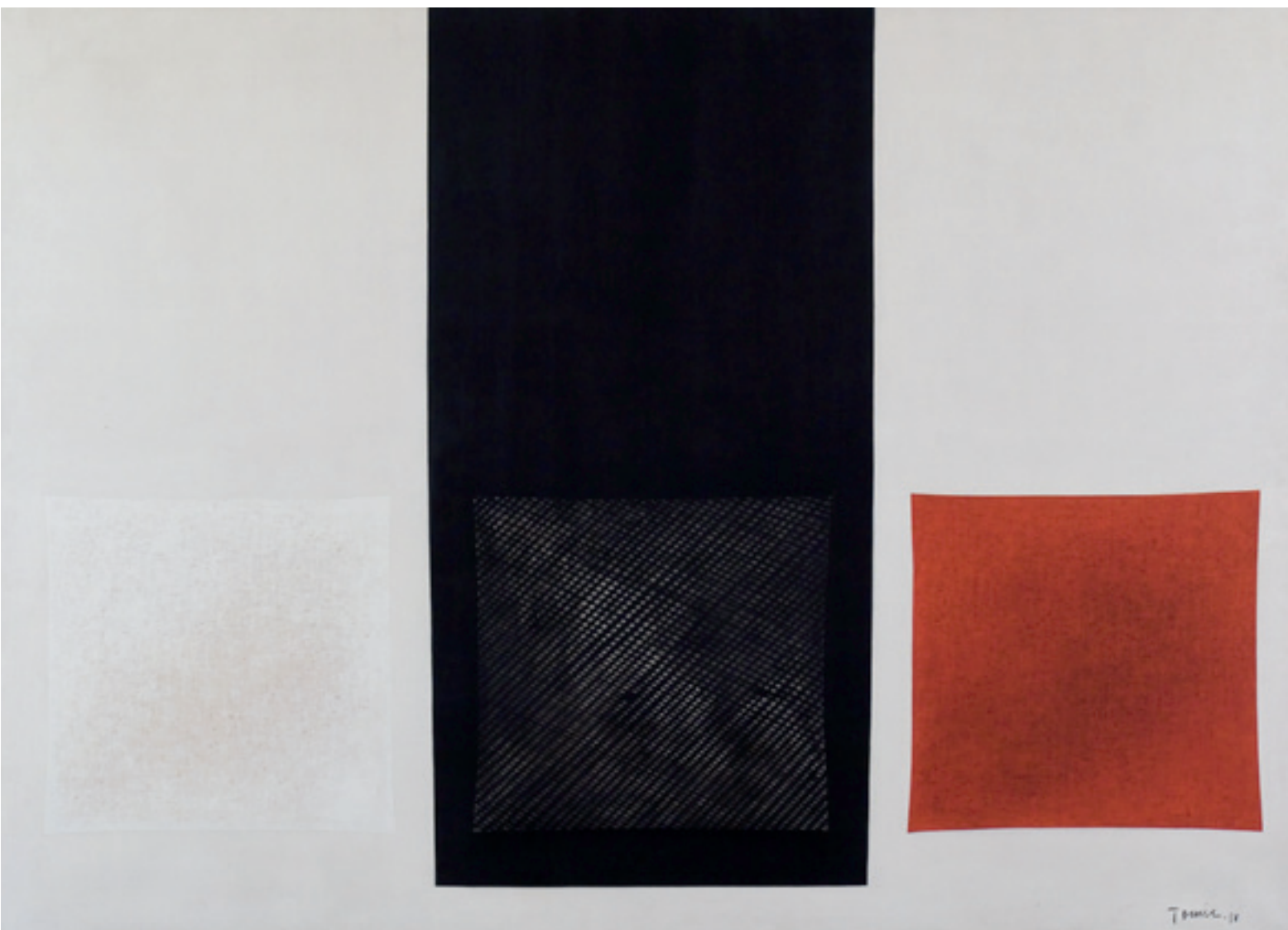
(São Paulo, SP, 1914 – 2010)

Sem título	1955	serigrafia sobre papel	50,2 x 50,6 cm
[Untitled]		[silkscreen on paper]	

TOMIE OHTAKE

(Kyoto, Japão [Japan], 1913 - São Paulo, SP, 2015)

Sem título	1978	óleo sobre tela	145,4 x 200,3 cm
[Untitled]		[oil on canvas]	





ALFREDO VOLPI

[Lucca, Itália [Italy], 1896 – São Paulo, SP, 1988]

Composição em ocre, vermelho e terra
[Composition in ocher, red and earth tones]

déc. 1960
[1960s]

têmpera sobre tela
[tempera on canvas]

146,5 x 73,5 cm

**ARCANGELO IANELLI**

(São Paulo, SP, 1922–2009)

Formas rompidas [Broken Shapes]	1977	óleo sobre tela [oil on canvas]	116,2 x 81,0 cm
------------------------------------	------	------------------------------------	-----------------



RUBEM VALENTIM

[Salvador, BA, 1922 – São Paulo, SP, 1991]

Sem título	1989	litografia sobre papel	92,0 x 64,4 cm
[Untitled]		[lithography on paper]	

**ARTHUR LUIZ PIZA**

[São Paulo, SP, 1928]

Fenêtre 1972 gravura em metal colorida sobre papel 75,7 x 56,1 cm
[metal engraving in color]



HERMELINDO FIAMINGHI

(São Paulo, SP, 1920–2004)

Cor luz 1995 litografia sobre papel 51,5 x 71,7 cm
[The Color of Light] [lithography on paper]



WEGA NERY

(Corumbá, MS, 1912 – Guarujá, SP, 2007)

Terra e Lua	1969	óleo sobre tela	114,0 x 129,4 cm
[Earth and Moon]		[oil on canvas]	

BURLE MARX

(São Paulo, SP, 1909 – Rio de Janeiro, RJ, 1994)

Composição	1989	acrílica sobre tela	96,2 x 159,6 cm
[Composition]		[acrylic on canvas]	





MANABU MABE

[Kumamoto, Japão [Japan], 1924 – São Paulo, SP, 1997]

Voz da selva 1969 óleo sobre tela 83,8 x 101,4 cm
[Voice of the Wilderness] [oil on canvas]

**IBERÊ CAMARGO**

[Restinga Seca, RS, 1914 – Porto Alegre, RS, 1994]

Equilíbrio 1967 óleo sobre tela 100,0 x 140,6 cm
[Balance] [oil on canvas]



AMILCAR DE CASTRO

[Paraisópolis, MG, 1920 – Belo Horizonte, MG, 2002]

Sem título	1991	litografia sobre papel	48,0 x 68,0 cm
[Untitled]		[lithography on paper]	



YUTAKA TOYOTA

(Japão [Japan], 1931)

Espaço in e yo [In and Yo Space]	1988	madeira revestida por aço inoxidável e alumínio [wood lined with stainless steel and aluminum]	51,0 x 14,0 x 14,0 cm
-------------------------------------	------	---	-----------------------



SÉRGIO FINGERMANN

[São Paulo, SP, 1953]

K9528 1995 acrílica sobre tela 110,0 x 130,3 x 3,5 cm
[acrylic on canvas]



MARIA BONOMI

[Meina, Itália [Italy], 1935]

Toledo, flor espada
[Toledo, Sword Flower]

1978

litografia sobre papel
[lithography on paper]

102,5 x 67,5 cm



BENÉ FONTELES

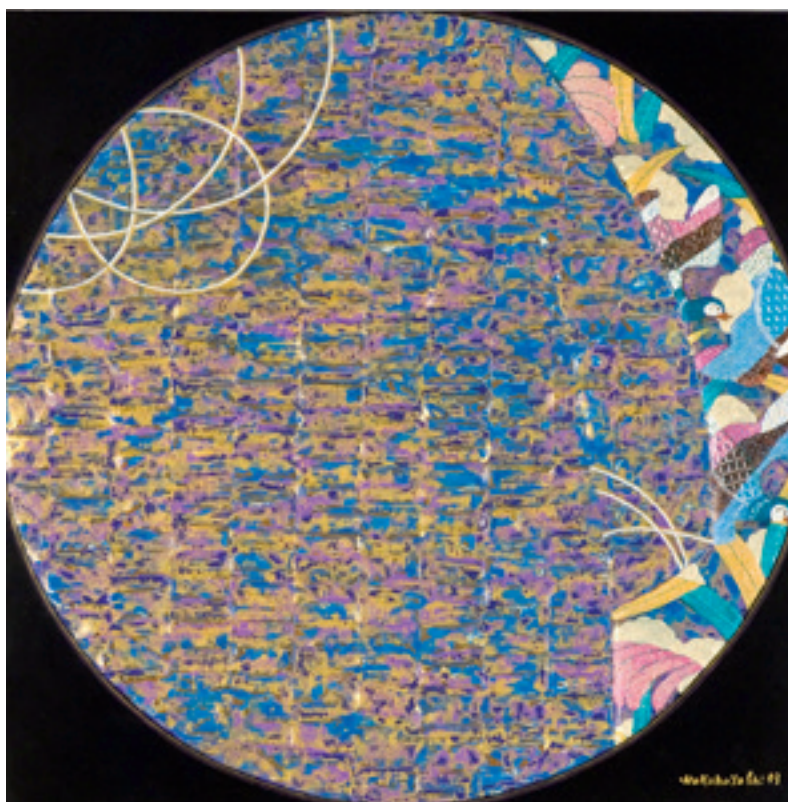
[Bragança, PA, 1953]

Sem título	déc. 1980	Colagem com papel artesanal e penas de pássaros	26,1 x 43,3 cm
[Untitled]	[1980s]	[Collage with handmade paper and feathers]	

**FAYGA OSTROWER**

[Łódź, Polónia [Poland], 1920 – Rio de Janeiro, RJ, 2001]

6717 1967 xilogravura sobre papel 87,0 x 32,0 cm
[woodcut on paper]



KAZUO WAKABAYASHI

(Kobe, Japão [Japan], 1931)

Sem título	1993	acrílica sobre tela	49,0 x 48,8 cm
[Untitled]		[acrylic on canvas]	



RENINA KATZ

(Rio de Janeiro, RJ, 1926)

Orpheu 1991 litografia sobre papel 75,0 x 53,0 cm
 [Orpheus] [lithography on paper]



ENGLISH VERSION

Farol Santander is hosting the artworks of the Santander Brasil collection, with the exhibition *Contemporâneo, Sempre* [Contemporary, Always]. The Farol, a very iconic place, where the past, present and future coexist, once again offers to the city of São Paulo, and to all its visitors, an option for culture, fun and entertainment.

We are beginning a challenging stage in the project of sharing our collection. The outcome of recent curatorial reflections, this show has been carefully conceived to provide all the visitors with new possibilities of reading and understanding. The artworks chosen are an extemporary selection, in which art transcends the definitions of time and is renewed at each look. We hope that, while revisiting our artworks, the visitor will have same satisfaction that we have felt while organizing this exhibition.

The Santander Brasil collection consists of two segments – visual arts and institutional memory – arising from the various banking institutions that have been incorporated into Santander, since the beginning of the 1980s.

The segment of visual arts holds works by many of the key artists of Brazil and considers various art movements that have marked the history of art, forming a broad panel of Brazilian cultural production and diversity.

A characteristic feature of the process of the collection's formation is that, over time, recently produced works were acquired that reflect the art at the moment of their acquisition, thus promoting the work of the artists in activity. The presence of some artists from earlier phases reflects another interesting facet of the collection's formation: the attention also given to the movements and trends of the art market in Brazil, which, sometimes, valorizes and recovers movements and artists from other eras. This approach has made the Santander Brasil collection an always contemporary set, yesterday or today.

The collection has been enlarged in recent years, through the acquisition of Brazilian contemporary artworks, mainly photography, with works by celebrated and/or emerging names. In parallel to this, there is an effort at dissemination – many of these works have already participated in exhibitions at key museums in the country.

We believe that a work of art is renewed at each look and certainly this encounter will bring new possibilities for reading and study, as well as, certainly, new ideas.

Good reading!

Patricia Audi
Vice President of Communication, Marketing,
Institutional Relations and Sustainability





CONTEMPORARY, ALWAYS

THE SANTANDER BRASIL COLLECTION

Agnaldo Farias

Contemporary, Always. The Santander Brasil Collection provides a concise overview of 70 years of Brazilian art, presenting a significant set of paintings, sculptures, drawings and prints belonging to the institution's collection of 2,010 works. It includes pieces by some important modernist artists, a considerable body of foreigners, with an emphasis on those of Japanese ancestry, and includes artists who just entered their thirties. With some exceptions, the works in this exhibition were acquired at the moment they were produced, a sort of relationship with artistic production that the institution seeks to maintain. The artworks of the young artists who are gathered here reiterate Santander's commitment to experimentation. More than eagerness to spread art, which in itself is no small thing, the relationship of the bank is distinguished by its support to production, by its partnering with artists in their incursions into untraveled territories.

The best art takes place when it perfects the model it uses – in the case of various artists present here, models they themselves created – or when it breaks completely from it, rupturing the established parameters, sparking surprise and, not rarely, indignation. This is what art offers in the purest way, since unlike other productions, it is not subject to practical pressures. In any case, it is recognized that the impulse for the new takes place in all sectors of culture, as is also the case in science, which every now and then goes through radical changes.

Contemporâneo, Sempre [Contemporary, Always], besides underscoring Santander's commitment to Brazilian artistic production, organizes a significant overview of its art

collection spanning 70 years of Brazilian production, something that few collections manage to offer. The quantity and quality of the available material, with the spotlight on the 1950s, 1960s and 1970s, allows for various compositions. The choice was made for the construction of some segments which, without frustrating the public better informed about art, would be readily accessible to those with little knowledge, but interested in being introduced to this field – to perceive its central questions, its main trends, its points of attention.

The show has been structured on the basis of three general segments, each with its own important internal variations. They are: Landscapes, Portraits and Abstraction.

Taking as a basis the variety of languages and supports existing in the collection, instead of organizing the material in a more conservative chronological order, the choice was made to order it according to thematic approaches. The aim in this was to avoid the understanding of art history as a linear narrative. As occurs in the field of culture in general, the history of art is crisscrossed by intricate processes, full of comings and goings, with eventual allusions to much earlier works. Wasn't that the case of Carlos Drummond de Andrade, whose marvelous poem "A máquina do mundo" has its roots in "Canto X" of the *Lusiadas*, by Camões? Nothing prevents a young artist, working at this moment in his studio in Barra Funda, from being interested in the production of Caravaggio, prehistoric rock painting, or some other age-old artwork and making use of these references in his or her own work, rather than focusing on the production of studio colleagues or a group exhibition underway at MASP or the Pinacoteca do Estado. It should be noted that "contemporary" is not necessarily that which is being produced now; rather, it is that which, even if it belongs to a faraway past, is evoked in its quality as something alive, which helps us to understand the current times.

Another aspect to be emphasized is that, within the exhibition, the artworks are grouped independently from the techniques by which they were made, regardless of whether they are paintings, drawings, prints or photographs. The more classical approaches insist on this division, but in our case the choice was made to make them live with each other, which, by contrast, serves to underscore the different ways that each artistic language deals with similar questions.

The show's starting point resumes the debates between figurative and abstract artists, those aligned with the idea that art's role should be to represent the visible, as opposed to those who espouse art's autonomy, its power as a mysterious and fascinating product of language, even without another connection with reality beyond the colors, the pictorial mass and the gestures required for its obtainment.

Even though today this polarization has been overcome, at the turn of the 1940s to the following decade this theme was very controversial, with the two factions continuously confronting one another. Di Cavalcanti – one of the leaders of the figurative trend

1. Cf. AMARAL, Aracy. *Arte para que? A preocupação social na arte brasileira 1930-1970*. São Paulo: Studio Nobel, 2003.

(as was also Candido Portinari), and present in our show with the painting *Mulata na cadeira* [Mulatto Woman in Chair], 1970 – writes in a categorical tone:

In Brazil there are currently two paths for painters to follow. One is the narrow path of formalist, precious painting [...], abstractionist decorativism [...]. The other is the painting at the service of life [...], participating in the everyday construction of our future as a free nation.¹

The artworks chosen confirm the posture of the two artists, concerned with the representation of the typically Brazilian human figures and landscape.

Geometric abstraction, better known as “concretism,” definitively entered the Brazilian art scene in 1952, with the publication in São Paulo of the Manifesto Ruptura [Rupture Manifesto], which attacks, as something outmoded, “the scientific naturalism of the Renaissance – the method of representing the outer world (three dimensions) on a plane (two dimensions) – [which] has exhausted its historical task.” Works by artists who represent this movement, although they did not sign the manifesto, are present in the show – a rare painting by Alfredo Volpi (*Composição em ocre, vermelho e terra* [Composition in Ocher, Red and Earth Tones], 1960s), a print by Arthur Luiz Piza (*Fenêtre*, 1972), a lithograph by Amílcar de Castro (*Untitled*, 1991) and another by Hércules Barsotti (*Untitled*, 1955) the latter two being especially apt representatives of the conciseness sought by this trend.

The collection effectively conveys the spectrum of options explored by the artists in this period, because alongside (and criticized by) concretism, there were artists such as Manabu Mabe and Iberê Camargo, whose paintings *Voz da selva* [Voice of the Wilderness], 1969, and *Equilíbrio* [Balance], 1967, respectively, moved away from geometry to embrace expressionism – the art of gestuality and chromatic tension. It also includes the lyricism of Tomie Ohtake, in *Untitled*, 1978, and Arcângelo Ianelli, in *Formas rompidas* [Broken Shapes], 1977 – in her uncomplicated paintings, Tomie privileges subtle transparencies and a light tension between the shapes, while Iberê is outstanding for his overlaying of planes.

The portraits merit a separate mention. The sweet feminine figure by Milton Dacosta (*Figura* [Figure], 1948), made in mild colors and geometric lines, is in strong contrast to *Cabeças* [Heads], 1995, by Siron Franco. While the former features a clear image, in which each detail corresponds to a color, the latter opts for a graphic solution, a profusion of heads suggested by colorful outlines, a jumbled drawing made even more complex by the addition of numbers and letters.

Moving past the portraits ranging from the intimacy of the female profile in the print by Ubirajara Ribeiro (*Untitled*, 1983), to the exuberant panel by Carybé (*Fauna, flora e nativos brasileiros* [Brazilian Natives, Flora and Fauna], 1953), in which the artist idealizes the daily life of an indigenous village, in activities like hunting and bathing in the river,

we arrive at the rural landscapes, the seascapes, the paintings of house rows in the city's outskirts, and even complex vistas of metropolises. Francisco Rebolo produced the delicate vision of a small group of houses scattered among the hills, with a cultivated field in the foreground (*Paisagem* [Landscape], 1978), with striking tonal variations of green and a spectrum of blues, faint yellows and the earth tones of the houses and their roofs. José Pancetti, the master sailor, presents his depiction of a deserted beach (*Coqueiros de Itapuã* [Coconut Trees in Itapuã], 1956), a response to the song in which Dorival Caymmi eternalized that nook of the Bahian capital, in the form of the green horizon of the sea crowned by the tatters of white clouds, interspersed by two coconut trees arranged in a musical interval. It is interesting to compare Pancetti with the seascapes by Tadashi Kaminagai (*Paysage d'Amazonas*, 1976), and note how the serenity gives way to a flaming chromatic palette, a sky and sea set on fire by blues, yellows, reds and greens.

Darel Valença Lins, a great draftsman and printmaker, is responsible for a perturbing presentation of the city. In *Untitled*, 1968, a web of lines conveys the immense organism in which more and more people become entangled with each passing day. This piece serves as an introduction to the large number of prints, such as those by Livio Abramo, Fayga Ostrower, Renina Katz, Maria Bonomi, Gilvan Samico and Maciej Babinski, an artistic medium in which Brazil reached a superlative level, swinging between textures arising from rhythmized gestures, the creation of tense atmospheres – sometimes nebulous, sometimes with a scraped look – as well as fantastic scenes.

All the photographs, spread among the segments according to their theme, are the work of currently active artists. They are imbued by a tone of documentary photography that still runs strong among them.

A vigorous moment among the young artists is the painting by Paulo Almeida, *Série Palimpsestos – Tela 1, realizada no Centro de Exposições Santander – Torre* [“Palimpsest” series – Canvas 1, executed at the Santander Exhibition Center], 2005–2012. Invited, in 2005, to participate in a group show organized in this place, Paulo, defining the localization of his work, hung his still-blank canvas in the exhibition space, at the end of the setup and beginning of the show's run, to paint the surroundings on it – which meant depicting the walls with the other canvases and neighboring works. The painting will never be finished, because every time it is shown, according to the artist's determination, a new, semitransparent layer will be painted on top of it, depicting the new space. It will be a changing image, in a continuous process, just like the set of works that compose this show *Contemporâneo, Sempre*, whose quality ensures that their successive readings will vary over time, according to the public that makes contact with them.

LANDSCAPE

Landscaping is a constant theme. And could it be otherwise, since everywhere we look, we find ourselves amidst it? The landscape, as it is presented to us in this sequence of paintings, can be natural, vast and measureless, like the beach or the sea that comes to die on it, or artificial and claustrophobic, like the inner-city, with its disordered houses, high-rises and maze of streets. The landscape is the environment in which we live and die. Trying to understand it is tantamount to knowing the role – small and brief – that we each play in the order of things. It also means perceiving the importance we give to our homes – shelters of tranquility and protection that prevent us from being dissolved in the vastness of space.

PORTRAIT

It is interesting how the current generalized habit of taking selfies is based on a human urge that goes way back in time. People have always been interested in making portraits, of themselves and of others. There is nothing more natural: the “other” is always fascinating. Painting, drawing, or sculpting the “other” is a way of bringing him or her close to oneself, of conserving him or her. But what is the best way to depict someone? As this selection of artworks teaches us, there is no better way than the portrait. A portrait as clear as a photograph is no more interesting than a psychological and deformed portrait. A group of people working is no less important than a lone passerby. Just as the situations in which we place ourselves are infinite, there are infinite ways to depict them.

ABSTRACTION

A painting is nothing else than colored paints, applied to a surface by brushes or some other instrument. Being thus, does it need to bear an image? According to the abstract artists, our attitudes express our desires, opinions and states of spirit. Look at these canvases and note how they were made based on different gestures: calm or nervous, or precise ones, guided by reason. Now, concentrate on the colors. Imagine that they have all become tired of being predicated by things – the red of the apple, the yellow of the sun... Note how, under the artist’s care, they are converted into infinite territories. Finally, contemplate the strange, never-before-seen shapes, the fertility of the imagination

SANTANDER BRASIL

Presidente | President
Sérgio Rial

Vice-presidente executiva de Comunicação, Marketing,
Relações Institucionais e Sustentabilidade | Executive
vice president of Communication, Marketing,
Institutional Relations and Sustainability
Patrícia Audi

Superintendente executiva de Eventos, Patrocínios
e Cultura | Executive superintendent of Events,
Sponsorships and Culture
Bibiana Berg

FAROL SANTANDER SÃO PAULO

Coordenadora Geral Farol Santander
| General Coordinator Farol Santander
Karyna Nardelli

Coordenador e curador da coleção de arte e memória
institucional | Coordinator and curator of the art
collection and institutional memory
Carlos Trevi

Museóloga da coleção de arte e memória institucional
| Museologists of the art collection
and institutional memory
Denise Michelotti

Técnica em documentação de conservação de acervos |
Technician in documentation of collection conservation
Claudia Gobbi Bazanelli
*Expomus - exposições, museus, projetos culturais
Ltda.*

Analista Cultural | Cultural Analyst
Iara Barbosa de Andrade

Analista de comercialização de espaços e Eventos
| Spaces and events commercialization analyst
Jonas Viana Villar

Estagiária | Trainee
Tamiris de Melo Nunes

Analista de Facilities Gestão Predial | Building
Management Facilities Analyst
Simone Alves de Paula Fernandes

Gestão predial | Building management
Felipe Neiman
Vanessa Nogueira Affonso Oliveira
Cushman & Wakefield Ltda.

Bilheteiros, recepcionistas e monitores de operação
| Box office clerks, receptionists and operation monitors
Amanda Pereira
Amanda Souza Santos
Anderson da Silva Teixeira
Audrey Elizabeth Lehenert Gozzolli
Brenda de Freitas da Silva
Bruno Lima Lapastina
Cintia Fernanda Oliveira de Souza
Dionice Gomes da Silva
Douglas Ferreira dos Santos
Eduardo Lima de Souza
Erika Cristina Ebenau
Fabiana Rodrigues Matos
Flora Maria Faggello Silva
Francisca Megumi Berroeta Noma

Gisele Turolla Manfio
Isabela Matos Ferreira
Isabelly Nunes Figueiredo
Jaciane Maria da Silva
Janaina Santana de Jesus Silva
Johnny de Alessio
Josenaldo Santos da Costa
Mariana Cardoso da Silva
Marília Silva Schitini Souza
Marlene Maria dos Santos
Matheus Pereira Matos
Nayara da Silva Santos
Patrícia E Silva Câmara
Regina Maria Santos Lima
Sarah Cristina da Silva Barbosa
Stefany Borges da Silva
Tarciso Andre de Lima Silva
Tatiana Riachão do Nascimento
Tatiane Matias de Oliveira
Thalita Ferreira da Silva
Thallyta Domenica Miosi
Thalyta Bruna Magalhães Silva
Vilane da Silva Bispo
Welton Fernandes Sousa
Ingresso Rápido Ltda.

Manutenção predial | Building maintenance
Ademilson Bispo dos Santos
André Martins Gonsales
Avelino Alves de Mendonça
Bruna Cristina de Souza dos Santos
Bruno Marostica
Daniel Nilson da Silva
Diego Martins
Ednaldo Santos Nascimento
Eriberto dos Santos Andrade
Eurico Nunes da Silva
Felipe Silva Suzart
Ivanildo Vicente Costa
James Caetano dos Santos
Jose Marcos Sabino
Jose Mauricio Pascoal da Silva
Júlio Pereira de Melo
Leonardo Nobrega Barbosa
Leticia Tisiane Alves Lima
Marcelo Manoel da Silva
Marcos Antônio do Nascimento
Marcos Aurélio Dias
Paulo Benedito Borges
Roberto Carlos da Silva
Vitor Alexandre Gomes Henrique
Wellington dos Santos
Manserv Facilities Ltda.

Técnicos de áudio e vídeo |
Audio and video technician
Andressa Diogo da Silva Simões
Guilherme Ferreira e Silva
KVM Comercial e Informática Ltda.

Manutenção de elevadores |
Elevator maintenance
José Valmir da Silva Nascimento
Ricardo Gonçalves dos Santos
Wellington Francisco Barros
Elevadores Atlas Schindler S.A.

Ascensoristas | Elevator operators
Aline Silva de Andrade
Dalmacia Oliveira Rodrigues
Eliane Aparecida Rodrigues dos Santos
Rafael Francisco dos Santos
Rubenildo de Santana Ferreira
Vanessa Faria Dimas dos Santos
Haganá Serviços Especiais Ltda.

Equipe de limpeza | Janitor team
Denize Ribeiro Reis
Eliana Aparecida de Sousa
Fernanda Oliveira Vitoriano
Gabriel dos Santos Alves
João Olímpio Machado Filho
José Francisco da Silva Coelho
Lucas de Lima Santana
Luiz Carlos Ferreira de Souza
Maria Aparecida Santos Paixão
Maria Aparecida Silveira Brito
Maria Eluisia Fernandes
Nancy Mara Augusto de Souza
Reinado Ferreira de Oliveira
Sandra Aparecida de Carvalho
Silvia Maria de Albuquerque
Thais Justino de Macedo
ISS Servisystem do Brasil Ltda.

Equipe de segurança e bombeiros |
Safety team and fire safety specialists
Adriano da Cruz
Adriano Natale
Adriano Pereira da Silva
Alisson Gabriel Tavares
Antonio Kleber dos Santos
Antônio Raimundo C. de Jesus
Arnaldo Machado Vieira
Aurieile Tugile Sanches
Carlos Alexandre Jesus
Clayton Mendes de Souza

Cleyfer Robert Souza Rezende
Cristiane de Souza Nascimento
Daniela Brito Ferreira
Danilo Liborio Lira
Danilo Pereira Belo
Denis Franciscus Alves Silva
Douglas Nunes Takahashi
Ederson Fernando Neiva
Edson Andre da Silva
Edson Costa
Edson da Silva Mauricio
Emily Mariana do Nascimento
Felipe de Araújo Pereira Santos Mota
Filipe Fernandes dos Santos
Gabriel Costa Procópio Ferreira
Gesu Moreira Santos
Gilberto Henrique de Freitas
Giovanni Colantuono da Costa
Gleison da Silva Souza
Guilherme Castelo Teixeira
Helio Gonçalves da Silva
Jean Paulo Martins Santos
Jhony Correa Santos
João César Santos
José Antônio Santana Neto
Lino Batista Pereira
Lucas Alves de Oliveira
Marcia Regina de Lima
Marco Aurélio Alves de Araújo
Marcos Roberto Moraes
Maria Aparecida Pimentel Santana
Mozart Soares Ferreira
Nadia Aleixo de Souza
Orlando José da Silva
Oscar dos Santos
Patricia Rossi Bronze
Raphael Coutinho Martins
Reginaldo Souza Macedo
Renata dos Santos Almeida
Ricardo Alexandre
Ricardo Silva de Medeiros
Rodrigo Alves de Oliveira Brito
Rodrigo de Oliveira
Rodrigo Faustino Miranda
Sebastião Rebelo da Silva
Sergio Carrara
Tamires Sousa Mares
Thiago Cruz Santana
Ulisses Caetano de Oliveira
Willian Caetano de Oliveira
Yuri Araújo dos Reis
Grupo Esparta Ltda.

FAROL SANTANDER PORTO ALEGRE

Coordenador Farol Santander Porto Alegre |
Coordinator Farol Santander Porto Alegre
André Severo

Conselheiro de marketing Farol Santander Porto Alegre | Marketing advisor Farol Santander Porto Alegre
Mariele Salgado Duran

Analista de marketing Farol Santander Porto Alegre | Marketing analyst Farol Santander Porto Alegre
Daniel Cardoso Vitt

Analista de facilities gestão predial | Building management facilities analyst
Francielle Prestes Bueno

EXPOSIÇÃO | EXHIBITION

Curadoria | Curatorship

Agnaldo Farias

Ricardo Ribenboim

Coordenação Geral | General Coordination

Arnaldo Spindel

Ricardo Ribenboim

Base7 Projetos Culturais

Diretoria adjunta | Adjunct Directorship

Planejamento e projetos | Planning and designs

Renata Viellas Rödel

Produção | Production

Daniela Vicedomini Coelho

Administrativa financeira | Financial administration

Carmen Maria de Sousa

Consultoria para curadoria | Consulting for curatorship

Elly de Vries

Coordenação de conteúdo | Content coordination

Yuri Fomin Quevedo

Produção Executiva | Executive Production

Marta Masiero

Assistentes | Assistants

Fabiola Antonio

Pedro Ermel

Shirlene Cândido

Projeto de Expografia | Exhibition Design

Adriana Yazbek

Equipe | Team

Nathalia Duran

Alexandre Lins

Luiza Ho

Identidade visual e Projeto Gráfico | Visual Identity and

Graphic Design

Carlos Magno Bomfim

Direção de arte

Paulo Otávio

Via Impressa Design Gráfico

Projeto de Iluminação | Lighting Design

Mingrone Iluminação e Consultoria

Execução Projeto de Iluminação |

Execution of Lighting Design

Santa Luz

Preparação e revisão de textos |

Text preparation and revision

Lia Ana Trzmielina

Tradução de textos | Text translation

John Norman

Construção de Expografia |

Construction of exhibition design

Eprom

Consultoria em engenharia |

Engineering consulting

Jarreta Projetos

Distribuidor ingressos gratuitos |

Distributor of free admission tickets

José Souza Ferreira da Silva

Projeto Educativo | Educational Project

Luciana Conrado Martins

Maria Paula Correia de Souza

*Percebe Pesquisa, Consultoria
e Treinamento Educacional*

Coordenador | Coordinator

Rodrigo Pereira Fernandes

Educadores | Educators

Maria Isabel Galdino

Ana Clara Farah

Gabriela Robles

Priscila Pires

Sara Souza (interprete de libras |
signing for hearing impaired)

Projeto Acessibilidade | Accessibility Design

Amanda Tojal

Claudia Aoki

Arte Inclusão Consultoria

Relevos táteis | Tactile reliefs

Alfonso Ballestero

Legendas em dupla leitura |

Printed and Braille captions

Casa do Braille

Audiodescrição mediadora |

Audio-description mediator

Ver com Palavras

Instalação Multimídia | Multimedia Installation

Bruno Favaretto

Renato de Almeida Prado

Rizoma Edições Digitais

Montagem Instalação Multimídia | Multimedia Installation

Setup

MMV Montagem audiovisuais

Conservação das obras | Artwork Conservation

Grace Bedin

Heloisa Biancalana

Montagem fina | Setup

Coordenador

Márcio Rene Antônio

Montadores | Setup staff

Carlos Eduardo Ferreira

Juan Castro

Noel Américo dos Santos

Seguro | Insurance

Dominici Corretora de Seguros

Transporte | Transport

ArtQuality

CATÁLOGO | CATALOG

Curadores | Curators

Agnaldo Farias
Ricardo Ribenboim

Textos críticos | Critical texts

Agnaldo Farias

Coordenação Editorial | Editorial Coordination

Yuri Fomin Quevedo

Identidade visual e Projeto Gráfico | Visual Identity and Graphic Design

Carlos Magno Bomfim

Direção de arte

Paulo Otávio

Via Impressa Design Gráfico

Produção executiva | Executive production

Marta Masiero

Revisão de Textos | Text Revision

Lia Ana Trzmielina

Tradução de textos | Text Translation

John Norman

Crédito das imagens | Image credits

Motivo Processamentos Imagem e Comunicação

Fabio del Re (obra *Guerreiro* de Francisco Stockinger)

Tratamento de imagens | Image processing

Motivo Processamentos Imagem e Comunicação

Impressão | Printing

Ipsis Grafica Editora

AGRADECIMENTOS | ACKNOWLEDGMENTS

Adriana Vendramini Terra, Alexandre Dacosta, Ana Luiza Maccari, Anna Leonor Ostrower, Claudia Worms Taddei, Daniel Samico, Elio Scliar, Elisabeth Di Cavalcanti Veiga, Eliza Seoud, Gianni Yo Toyota, Giovanna Pennacchi, Isabela Ono, Joana Maria Pennacchi, João Candido Portinari, Joice Souza, Jorge Tsuchimoto, Jussara Stockinger, Lisbeth Reboló, Luciana Prestes Ribeiro, Luis Abramo, Marcia Sato, Maria Lydia Fiaminghi, Mariana Ianelli, Mariana Valdriguei Amaral, Max Perlingeiro, Nami Wakabayashi Francucci, Norma de Estellita Pessoa, Patrícia Motta, Paula Amaral, Paulo Grassmann, Paulo Otávio, Paulo Sergio Portugal Graciano, Pedro Abramo, Pedro Mastrobuono, Pedro Tavares Maluf, Ricardo Ohtake, Roberto Bicca de Alencastro, Rodrigo de Castro, Rui Tavares Maluf, Sandra Brecheret Pellegrini, Sebastião Rubens Gomes Pinto, Sylvia Dias, Thiago Lupo Maluf, Ula Pancetti, Yeda de Oliveira Stockinger

Fundação Escultor Victor Brecheret, Fundação Iberê Camargo, Instituto Manabu Mabe, Instituto Tomie Ohtake, Instituto Volpi, Projeto Portinari

Direito de reprodução da obra de Candido Portinari gentilmente cedido por João Candido Portinari | Right to reproduce the work of Candido Portinari kindly granted by João Candido Portinari.

Agradecemos ao Instituto Volpi, instituição sem fins lucrativos, que dever legal de zelar pela preservação e divulgação da obra e da memória do artista, por conceder apoio cultural presente iniciativa. | We are grateful to Instituto Volpi, a nonprofit institution that preserves and raises awareness about the artist's work and memory, for granting cultural support for the present initiative.

Apesar de todos os esforços não foi possível identificar todos os detentores de direitos autorais e assemelhados do material utilizado nesta publicação. Colocamo-nos à disposição para as eventuais correções e complementações dos créditos | Despite every effort, it was not possible to identify all the copyright holders in relation to the material used in this publication. We are willing to make any eventual corrections and additions to the credits.



Patrocínio



Organização
Geral



Realização

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DA
CIDADANIA



